

CEDI - P. I. B.
DATA 22/09/87
P. 45

PRELAZIA APOSTOLICA
- DE -
GUAJARA - MIRIM
Território de Rondônia - Brasil
— * —

Guajará - Mirim, 27 de junho de 1965

Excelentissimo Senhor Diretor do
JORNAL DO BRASIL,

Saudações !

A I N D A O S P I III...

Embora com muito atraso, consequencia natural da falta de transportes para as nossas regioes, acabou chegando às minhas maos um exemplar do JORNAL DO BRASIL, do dia 11 - 4 - 65, com o artigo intitulado: " SPI QUER CONTER O AVANÇO SOBRE AS TERRAS DOS INDIOS E ACUSA PRELAZIA DE CUBIÇA ", de autoria do Sr. JOÃO EMILIO FALCÃO .

Fôra a minha pessoa a única visada, eu teria rido muito da tolice e deixado por isso mesmo, pois acho que "caluniado - res e homens de má fé" nao merecem atenções, e menos ainda "respostas" às suas estultices .

Infelizmente o articulista não se contenta com a minha pessoa: Vítima incauta de tendenciosas e pessimas "informações", obcecado em parte, talvez, por um certo "anticlericalismo" que só aguardava uma occasio para se transbordar, o redator do artigo em pauta lança gravissimas e caluniosas acusações contra a Prelazia de Guajará-Mirim e as generaliza, a todos "os Religiosos", no "Norte" do País .

Não vou entrar em "polêmicas" que me desgostam e para as quais não disponho de tempo. Apenas vejo-me forçado a trazer ao conhecimento de V. S. e dos leitores do seu conceituado JORNAL DO BRASIL, alguns esclarecimentos, embora procurando resumí-los ao "indispensavel" .

Diz o articulista: " Toda vez que mudou o Diretor do Serviço de Proteção aos Indios, nos últimos anos, a Prelazia de Guajará-Mirim, sempre criticando os Diretores anteriores, renovou sua Proposta de uma cooperação cristã com o orgao...." - E após citar vários tópicos da minha carta ao Diretor do SPI, com maldosas distorções e interpretações, o Sr. João Emilio Falcão acrescenta um resumo da carta a mim dirigida pelo Sr. Diretor do SPI e que constitui verdadeiro "monumento" de boçalidade e de supina e desoladora ignorância de tudo quanto se passa por estas longinquas terras de Guajará .

Não insisto sobre as acusações de "avanço sobre as terras dos indios, realizadas no Norte por religiosos ..." e "a tentativa da Prelazia de Guajará-Mirim, Território de Rondônia, que desejava a cessão das terras dos indígenas, ricas em cassiterita". O absurdo de tais acusações está tão patente que não há homem de "bom senso" que se possa levar a sério. Mostram, por outra parte, a mesquinhez do espirito obcecado desses homens que só querem ver a "maldade" em quem os contraria ou lhes desagrada . Para eles todo o solo de Rondônia é uma montanha ininterrupta da mais pura "cassiterita". - Como são póbres e ridículos !...

Para contrôles seu, mando-lhe uma cópia da carta por mim dirigida ao Sr. Diretor do SPI. - Peça-lhe lê-la com calma e sem idéias preconcebidas. - E diga-me depois, si contem essas maldades que querem atribuir à minha Prelazia e à minha pessoa .

O texto do telegrama citado pelo articulista está inteiramente falsificado. O que me foi entregue aqui pelo D C T, enviado pela estação do SPI de Porto Velho, é o seguinte : " Nº de 12 - 3 - 65 PARA CONHECIMENTO DE V. SRIA VQ TRANSCREVEMOS TELEGRAMA ENDEREÇADO VSRIA VQ RECEBIDO PELA NOSSA ESTAÇÃO PT ABRASPAS BRASILIA NR 50 AGRINDIOS PARA ROBERTO GOMES DN ARRUDA PRELAZIA APOSTOLICA GMIRES IR/9 NR 217 DE 11 - 3 - 65 RECEBI SUA CARTA CHEIA DE DEBOCHES ET IRONIAS PT ACERTO SUA CARIDADE PARA COM NOSSOS INDIOS PT PODE INFORMAR SE COM A CHEFIA DESSA IR RESPECTIVA SUA CARTA PT LUIZ VITTA NEVES DIRETOR FECASPAS PT SDS JOSE DE MELO FIUZA RESP PELA DA ININD - 9 SPI " .

Note-se bem: não existe aí "autorização" alguma. Está sendo entregue à Inspetoria Regional.

Juntamente com o precedente me foi entregue este outro telegrama do Inspetor ou da Inspetoria Regional :

NR 51 DE 15 - 3 - 65 SOLICITAMOS V S INFORME EM QUE PODEMOS FACILITAR ASSISTENCIA ESSA PRELAZIA QUER DAR AO INDIO VQ DE ACORDO NOSSO REGIMENTO ET POSSIBILIDADES PT SAUDAÇÕES - JOSE DE MELO FIUZA RESP. P EXP. ININD -9 .

Pergunto agora : Onde está o texto : " dizendo que a Igreja poderia começar imediatamente a trabalhar em prol dos indígenas" ? - Faço notar que, ao enviar a minha carta ao Sr. Diretor do SPI, fiz entregar "em mãos" uma cópia da mesma ao Chefe da IR/9, em Porto Velho e uma igualmente a cada Encarregado de Posto. O Sr. Fiuza tinha portanto pleno conhecimento do assunto da minha carta ao Diretor .

Perante esses telegramas, a 18 de março dirigi uma carta ao Chefe da Inspetoria Regional, pedindo-lhe transmitir, quanto antes, as instruções vindas de Brasília. - Até hoje não recebi uma palavra sequer, sobre o assunto.

Finalmente, nos 16/4/65, chega-me a "Carta-Resposta" do Sr. Diretor do SPI, um acúmulo de tanto disparate, que julguei melhor arquivá-la e ter o assunto por encerrado, continuar atendendo às necessidades dos índios a título "particular", procurando salvar alguns indivíduos, sem esperança mais alguma de poder ver um dia salvo e reconhecido, esse povo, cujo desaparecimento parece, até o momento presente, ser a meta do SPI .

Repetindo mais ou menos passagens da carta do Sr. Diretor do SPI, diz o Sr. João Emílio Falcão, sobre a minha pessoa e sobre a minha Prelazia : "Afirmando que é deplorável e atroz a sua política religiosa, o Diretor do SPI acusa Monsenhor Arruda, na carta que lhe enviou, de "- ter deixado morrer índios só porque o SPI não quiz fazer acordos, não aceitou a venalidade de virtudes, e virtudes teológicas" e o desafia "- a honrar a batina que veste, cumprindo o primeiro mandamento da lei de Deus-"...". (sic !) .

Compreendo perfeitamente que o Sr. João Emílio, como o Sr. Diretor do SPI, nada entendam de virtudes "teológicas", (que para eles se tornam "teológicas"), que nem noção tenham de qual seja o "primeiro mandamento da lei de Deus". É natural : Nunca se preocuparam com isso a não ser nesta circunstância, para lançar desafios (ou desatinos) a alguém que vem perfeitamente, e desde há muito, "honrando a batina que veste e praticando o primeiro mandamento da lei de Deus, "AMAR A DEUS ACIMA DE TUDO", e também o segundo, reformulado pelo Cristo : - AMARÁS AO PRU PRÓXIMO COMO A TI MESMO . -

Mas vamos aos fatos : - As acusações do Sr. João Emílio / Falcão, "repetidor" fiel do Sr. Diretor do SPI, resumem-se pratimamente nisto :

- 1) - A Prelazia de Guajará-Mirim, até hoje, nada tem feito para os índios Pacaas Novos, deixando-os morrer de fome e misérias, somente porque o SPI recusa "suas propostas venais".
- 2) - A Prelazia de Guajará-Mirim, dominada pela ambição, só quer as terras dos índios, riquíssimas em minérios de cassite - rita, e índios para trabalharem como "escravos", na exploração do mesmo minério ...

Essa é a apresentação feita pelo SPI ...

A VERDADE é muito outra ... Não vejamos :

Até o ano de 1961, os índios Pacaas Novos eram o "terror" de quantos sportassem por estas ~~plagas~~ plagas. Fôram muitas as vítimas caídas nos suburbios e até nas ruas mesmas de Guajará - Mirim, varadas pelas certeiras fléxas dos Pacaas Novos... - Com a morte de um mocinho de 16 anos, esquartejado pelos selvagens numa estrada das mais frequentadas e a pouca distancia da sua própria casa, a 8 / 12 / 1960, o ano de 1961 anunciava-se dos mais tristes e calamitosos. - Dos se - ringais éram raras as semanas em que não chegavam pessoas flexadas ou noticias de "morte" de um ou de vários. - A zona rural viu-se toda abandonada. A produção agrícola, de insuficiente, passou a ser nula, desapareceu por completo qualquer cultura afastada de núcleos habitados. Os seringalistas não conseguiam mais manter os seus homens nas matas para a extração do produto. O pânico éra geral. O povo aglomerava-se na cidade e nos povoados, só saindo em grupos e por extrema necessidade. Particulares organizavam suas "entradas de pacificação" à bala. E'ra de ambas as partes a "luta pela vida". E muito claro está que os índios, com as suas fléxas, não iam poder competir muito tempo contra as carabinas, mosquetões e metralhadoras... Éra verdadeira "calamidade", para os Civilizados e para os Índios condenados ao extermínio completo, e em futuro muito próximo. -

Que fez o SPI então para o estabelecimento da paz e salvação dos índios? Que se saiba por aqui, NADA. Sob pretexto de que não dispunha de recursos, encolheu-se e "fingiu" ignorar o assunto e seus problemas. Apenas alguns Encarregados de Postos, mais audaciosos, subiam de vez em quando os rios, por conta própria, e iam deixar algum utensílio como machado, facão, nos lugares mais frequentados pelos índios (Eu mesmo tomei parte em várias dessas aventuras que os amigos qualificavam de "loucura").

Em 1961, veio para este Território, como Governador, o então Major Abelardo Alvarenga Mafra. Por instâncias do Bispo de Guajará, Dom Francisco Xavier Rey, o novo Governador interessou-se pelo assunto. Conseguiu do SPI um homem, o Snr. José Fernando Cruz que devia chefiar os trabalhos e encarregou-o de organizar uma "expedição" para, a todo custo, entrar em contato pacífico com os temíveis índios Pacaas Novos e estabelecer a paz entre eles e os Civilizados.

Em maio de 1961 o Snr. José Fernando Cruz estava em Guajará - Mirim (após uma rápida viagem até ao rio Ocáia), e procurava organizar a sua expedição. Mas ...

Por incrível que pareça, o Governo do Território não dispunha de dez centavos sequer, para essa "expedição" cuja organização já ordenara e o SPI, no Comercio local não gozava de crédito para uma caixa de fósforos, pois tinha fama de não pagar a ninguém. - Em consequencia o Snr. Fernando Cruz viu-se cercado por todos os lados. Tentou impôr-se aos Seringalistas e aos Comerciantes pela intimidação. Mas, aqui tambem essa gente já vive "acordada".

Desesperado, já decidido a desistir do empreendimento e regressar a Brasília, o Snr. José Fernando Cruz (que não é nenhum "carola" e está muito longe de ser um "papa hostias"), vai, à noite do dia 18 de maio de 1961, fazer uma visita ao Bispo, Dom Francisco Xavier Rey, fala das suas tentativas, dos seus fracassos, das suas decisões de deixar tudo e ir-se embóra. - Durante a benevolencia e os conselhos do Bispo, brótam-lhe novas esperanças. O Snr. Fernando Cruz chora, e com

- 4 -

muita razão, perante a vergonha do fracasso. "O senhor é a minha única esperança", declara ele a Dom Rey.

Após um estudo rápido, mas muito sério, sobre o assunto, o Snr Bispo declarou-lhe que "de forma alguma se pôde voltar atrás. Seria isso a condenação dos infelizes índios ao completo extermínio. Já que nem o Governo, nem o SPI tem possibilidade para tocar avante essa obra máxima para o Município e para os índios, a Prelazia de Guajará-Mirim fará então a "Pacificação" dos Paaas Novos. Ela não dispõe de fortunas tão pouco, mas estima que a vida dos homens tem muito valôr, e para salvá-los com vida, êle, o Bispo, empenhará todos os bens da Prelazia, inclusive os edifícios, si necessário fôr, mas fará a "Pacificação" e salvará os Paaas Novos da destruição pelas armas. E como primeiro ato, requisita desde já ao Snr José Fernando Cruz, queira ou não o SPI. Mais tarde procurará um entendimento com o Governo do Território, para, pelo menos dividirem as despêsas.

No dia seguinte, dia 19, com uma recomendação do Snr. Bispo, todas as portas do Comercio de Guajará-Mirim abrem-se de par em par, para o Snr. Fernando Cruz.

Os rios estão secando. Urge partir, porque dentro em pouco, não se poderá mais atingir o Rio Negro, ponto já localizado pelo Snr. Fernando Cruz para Quartel General das operações. Nesse mesmo dia 19 de maio o Snr. Fernando Cruz e seus auxiliares ^{efectuam} efetuam todas as compras necessárias, subindo ao valôr de Cr\$ 2.500.000 (dois milhões e quinhentos mil cruzeiros -- cruzeiros de 1961--), endoçadps no Comercio local pela Prelazia de Guajará-Mirim. Não se contam, necesses gastos, os auxílios em dinheiro ou em material dados pela Prefeitura e por muitos particulares.

A pedido do próprio Snr. Fernando Cruz, fica estabelecido que um Padre da Prelazia tomará parte na expedição, como representante do Bispo. O Padre designado foi este seu criado.

Chegando de Porto Vélho, ainda no dia 19, informações de que o SPI ia empregar todos os meios para impedir a entrada da "expedição", o Snr. Bispo ordena "partida, imediata". Para isso coloca 2 caminhões, um jeep e o pessoal todo da Prelazia no transporte de tudo para bordo de uma embarcação posta à nossa disposição pela S.N.G. (Serviço de Navegação do Guaporé). A Prefeitura Municipal, todas as autoridades e muitos particulares coopêram com entusiasmo. - No dia 20 de maio, às 18 horas, sob os olhares e manifestações festivas de numerosa multidão acorrida aos barrandos, os barcos tomam o largo e rumam para o Rio Paaas Novos e, por êle, para o Rio Negro, levando a chamada então "Expedição Suicida".

Poucos dias depois chegava em Guajará o Snr. Inspetor do SPI em Porto Vélho. Vinha para embargar a saída da "expedição" que naquele mesmo dia estava entrando no Rio Negro. Indignado por ver cludibriado, O Snr. Inspetor tomou uma canôa a motor e subiu ao Rio Negro (pela primeira vez), foi até o nosso acampamento base, onde "intimou" o afastamento imediato do Snr. José Fernando Cruz. - Após longas e acaloradas discussões, perante a atitude do Bispo, que aí se achava também, e dos homens da Expedição, achou mais conveniente retirar-se e evitar o "banho frio" que já estávamos decididos a lhe aplicar, nas águas do Rio Negro.

Livre momentâneamente dessas perseguições, a Expedição continuou as suas operações normalmente e a 26 de junho, nas margens do Rio Ocáia, após um ataque e flexadas dos índios, conseguiu conversar com os bravos, e mandar mensagem ao Chêfe dos ORODAUN. - No mesmo dia 26 o Padre, que comandava nesse momento uma equipe de 5 homens e trabalhava muito adiante, na vanguarda da Expedição, limpando o rio Ocáia para a passagem das nossas canôas, ao cair da noite, recebia, em nome de todos os seus companheiros, a "mensagem de paz dos selvagens": Um arco desarmado e uma flêxa quebrada ao meio, entrôgues em minhas mãos, éramo sinal de que "estávamos em paz", não havia mais perigo para nós naquêlas matas.

No dia seguinte, 27 de junho, recebíamos, às 16 horas, visita, para sempre memorável, do grande Chéfe DYMATÓI, acompanhado de oito guerreiros de sua confiança. Após longa palestra pela noite a dentro, Dymatói se comprometia em, no dia seguinte sem falta, providenciar mensageiros, e mandá-los a todas as "nações" da Tribo, para que os Chéfes comunicassem a todas as Malócas, a "paz" definitiva e muito sólida, realizada neste dia e neste local com todo o mundo Civilizado. - A partir daquele dia, digno das melhores páginas nos ANAIS de Guajará-Mirim, a partir do dia 27 de junho de 1961, nunca mais se ouviu dizer que uma fléxa dos OROUARÍS (Pacaas Novos) tenha causado um susto sequer algum civilizado.

Cessaram os lutos nas famílias, desapareceu o pânico, repovoaram-se as roças, multiplicaram-se as produções agrícolas, os seringueiros já não mais se assustam com "barulhos" pelo mato. Estabeleceu-se a paz, a tranquilidade, para toda a população civilizada.

E os índios?... Pobres índios!... - O SPI exigiu logo exclusividade de direito para os tratar e "organizar". A Prelazia que acabava de salvá-los do extermínio pelas balas, para evitar intermináveis rixas, julgou melhor afastar-se e deixá-los entréguas aos cuidados do SPI. Mas este, por sua vez, abandonou-os num momento em que começavam apenas a restabelecer-se de violenta epidemia de gripe. Abandonados, sem víveres e sem medicamentos, dispersos pelas matas à procura de alguma fruta ou um palmito para moderar a fome, a recálida foi fatal para a maioria. Os sobreviventes, enfraquecidos e em convívio depois com funcionários e outros civilizados doentes, viram-se geralmente acometidos pela tuberculose pulmonar que os vai destruindo lenta, mas seguramente, graças aos "cuidados" do SPI.

2 - - - No mês de julho de 1962 chega ao Posto Major Amarante, na Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, um grupo de oitenta e poucos índios da nação Ororantien, da mesma tribo dos Pacaas Novos (A tribo se divide em seis grupos que eles chamam de "nações", tendo em cada uma pequenas variantes dos costumes e mesmo na linguagem). Dos recém-chegados, todos, sem exceção, estão atacados por violenta gripe. Viéram das cabeceiras do rio Jaciparaná. Fizéram vinte dias de viagem para chegar ao Posto. A metade do povo, dizem eles, morreu lá mesmo na aldeia, com a epidemia. Da metade que conseguiu tomar o caminho para vir procurar recursos, ainda a metade ficou morta ou morrendo pelas matas. - Os oitenta indivíduos que conseguiram atingir o Posto, ao chegar, fôram se deitando pelo chão, em todos os ranchos, despidos como viúvas, sem agasalho algum. Muitos deles estavam já seriamente atacados por violenta pneumonia, temino, digo: término normal de qualquer gripe, no organismo desses índios. Todos ardem em fébre e, com tão longa viagem, a fome se acresce à doença e ao cansaço. - No Posto nada se encontra, nem medicamentos e nem alimentos. - Um telegrama do Encarregado, pedindo socorro urgente, só obtem como resposta a ordem de "despachar imediatamente" todos os índios para o mato. Bom número nem aguarda parar em pé, menos ainda "andar para o mato", quando viéram procurar socorro num Posto que sabiam ser para eles.

Perante tamanha crueldade, o Sr José Dias, Encarregado então do Posto Major Amarante e que tinha do Inspetor "proibição de receber Padres no seu Posto", nem hesitou mais um momento: correu à Prelazia, pedir o auxílio que o SPI lhe recusava.

- "Estão todos agonizando", dizia-me ele, ainda preocupadíssimo, "e vão morrer todos, si os senhores não fôrem socorrer logo, fornecendo remédios e bóia, porque no Posto nada temos, nem mesmo para nós".

Nesta Prelazia, acabara de entrar em atividades um Sacerdote médico. Imediatamente o Padre Médico, como o chamam, preparou salas com muito medicamento, comprámos sacarias de víveres, muito leite em pó e assucar foi acrescentado a outros abastecimentos.

às 15 horas, pelo trem, chegávamos ao Ribeirão, no Posto Major Amaran - te.

O quadro éra sumamente desolador : - Todas as casas dos em - pregados e dos índios civilizados estavam "abarrotaadas" de gente deitada pelo chão, por todos os cantos, por baixo até dos soalhos de "pariú...". Em vários a inflamação pulmonar já atingira a Pleura e os companheiros já os choravam, só aguardando o seu último suspiro .

O médico, apenas salta do trem, entra imediatamente em ativi - dades e os enfermeiros juntamente. - O índio, cujo organismo não está saturado de medicamentos, tem uma reação muito rápida sob a ação dos antibióticos. - Assim, mesmo os que se encontravam em estado mais grave, ao cabo de umas dez horas, e alguns até em menos tempo, Já come - çavam a manifestar grandes melhoras. Com cinco dias todos se encon - travam em plena convalescença. Nenhum faleceu.

Saimos do Posto, deixando todos satisfeitos, providos, para algum tempo, de medicamentos, víveres e, sobretudo, da alegria de vi - ver, que o SPI lhes recusára, por motivos de nós desconhecidos .

- 3 - - - No mês de outubro do mesmo ano de 1962 outro grupo de índios, da nação dos ORUMBUN, em número superior a cem pessoas, vindos das proximidades do Mutum-paraná, chega também ao Posto Major Amaran - te, na mesma situação que os precedentes. - Encontram o Posto também nas mesmas penúrias e até aumentadas : - Não há medicamentos, não se tem o que comer ... - Novamente chamados, lá vamos, o Padre Médico e eu, levando cargas de medicamentos e víveres. Com essa intervenção, sal - vamos igualmente a nação ORUMBUN do desaparecimento total .

O Inspetor da IR/9 passava pelo Posto naquele momento e aí encontrou-nos nesse trabalho de "enfermeiros e despenseiros" dos índios. Como ~~gigi~~ gesto de "cavalheirismo" autoriza o Encarregado do Posto a receber os Padres para tratar dos índios, visto que o SPI não tem possi - bilidades para isso...

- 4 - - - Pelo começo de 1963 novo surto de gripe, com as suas terríveis consequências pulmonares, abate ao mesmo tempo o^o ORORANTIEN, fixado então no lugar denominado Cachoeira, margem do igarapé Ribeirão e o grupo ORUMBUN, estabelecido no Amargoso, margem do mesmo Ribeirão . Para lá corremos ainda, o Padre Médico e eu, levando desta vez conosco uma "enfermeira" muito dedicada do nosso "Centro Médico Social" . . . Desta vez temos que enfrentar uma marcha de mais ou menos sete horas pela ma - ta (a pé), conseguindo uns animais apenas para o transporte da nossa bagagem, medicamentos e parte dos víveres que, ainda aí, ~~ai~~ tinhamos que levar para poder ~~ixx~~ tratar dos índios. Desta vez, já dissemos , eram os dois grupos que se encontravam acamados ao mesmo tempo, com vio - lenta epidemia de gripe e, sobretudo, com terrível mal do "- estômago vazio -" . E o SPI não dispunha, assim dizem, de coisa alguma, nem medicamentos, nem alimentos, para os valer nessa hora decisiva para a conservação simplesmente da vida desses infelizes índios. - Notem bem isto : "Tanta era a fome que os ORORANTIEN viram-se forçados a comer o cadáver de um dos seus companheiros (Dura realidade conhecida por todos os funcionários do Posto). - E nem me digam que a Inspeção e o SPI "ignoravam" a situação. Que valôr se daria então aos Relatórios , aos telegramas e a toda a correspondência dos Encarregados dos Postos ? Que valôr se dá à visita do Inspetor Meirêles que aí esteve, tudo viu e relatou aos Chefes ?... --- A Verdade é que, não fôra a interven - ção da Prelazia, aquela crise de gripe e de miséria teria arrebatado os últimos ORUMBUN e ORORANTIEN do Ribeirão. - Para felicidade dêles, os pobres selvagens encontraram ainda os únicos verdadeiros ami - gos, que sempre os procuram nessas horas duras, os Padres da Prelazia de Guajarã-Mirim, chamados pelo SPI de "invasores de terras de índios", mas que nunca pediram "licença para fazer caridade cristã". Sempre a fizê - ram, até contra as vontades do SPI .
- No momento da nossa chegada, tanto no Amargoso, como na Cachoeira, a

situação era aflitíssima. Muitos eram os casos de pneumonia dupla, já muito adiantada. Todos sem exceção, eram puros "esqueletos", e "esqueletos famintos". Causava espanto a avidês com que cada um recebia a sua porção de leite assucarado com farinha de mandioca, alimento de ~~o~~ transporte mais fácil (e preparação também), mandado em grande quantidade pela Prelazia de Guajará-Mirim.

Ao cabo de três dias eu fui forçado a me retirar, para tratar negócios urgentes da Prelazia, mas lá permanecemos, com os índios, o Padre Dr. Bendoraitis e a enfermeira, por mais de quinze dias. Tão árduo foi o trabalho, que, no momento em que os índios já se recuperavam, o Padre Dr. Alexandre Bendoraitis caiu doente a ponto de nem mais poder levantar-se da sua rede. Traziam os doentes ao lado da ~~sua~~ rede para êle os poder examinar e determinar o tratamento. -- Tive que lá voltar com um avião desta Prelazia, para lançar, sobre o acampamento, os medicamentos próprios para êle e por êle mesmo indicados. Assim mesmo ~~parece~~ teve que sair de lá carregado e permaneceu gravemente doente por mais de 5 meses.

A enfermeira igualmente chegou em Guajará esgotadíssima e logo no dia seguinte caiu de cama com violentas febres, pondo muito tempo para se ~~recuperar~~. *Mas os índios se levantaram todos e recuperaram a saúde*

5 - - Em setembro, ainda de 1963, lá estão novamente os mesmos grupos parecendo, mas nesta vez constata-se sobretudo o enfraquecimento pela fome. - A 20 de setembro, este seu criado, Padre Roberto Gomes de Arruda, classificado no SPI como "salteador de malôcas de índios" por lhes ter salvo a vida em tantas ocasiões, este seu criado pois, em pessoa, toma consigo seis mil quilos de leite em pó, - mil e duzentos quilos de farinha de trigo, - dois mil quilos de trigo em grão, - mil e duzentos quilos de arroz beneficiado, - oito centos quilos de feijão, - oitocentos quilos de fubá de milho, - dois mil quilos de farinha de mandioca, - mil e oitocentos quilos de óleos comestíveis, - cinco espingardas e estóque de munições para a caça, - vasilhame para uma cozinha de grande comunidade, - grande estóque de roupas feitas, rês, cobertores e mosquiteiros, - ferramenta para cinquenta homens poderem trabalhar a sua roça, - e, ao lado de tudo isso, mais de quinhentos quilos de medicamentos dos mais empregados entre os índios. --- O transporte dessa mercadoria foi todo efetuado pela tropa do seringal de um grande amigo também dos índios, o Sr Augusto Bonfim Lopes, porque o Posto Major Amarante só dispunha de dois animais magros, incapazes de suportar 70 quilos de carga.

A partir desse dia 20 de setembro, fixei minha residência entre os ORORANTIEN da Cachoeira do Ribeirão, onde permaneci e onde "sustentei, à custa da Prelazia, todas as despesas de alimentação, medicamentos, material para construção de casas (não havia nenhuma casa habitável), e muitas outras despesas, para cerca de 200 (duzentas pessoas) até o mês de junho de 1964, momento em que as minhas funções de Prelado não mais me permitiram permanecer isolado com índios, no meio das matas.

Mas ausentando-me, deixei os ORORANTIEN munidos de boa colheita de mantimentos, todos abrigados em boa casa, bom plantio de macaxeira, mandioca, banana e outros, já uma grande roça nova quasi terminada; deixei para uso deles 2 canoas e 2 espingardas de caça, de propriedade da Prelazia; boa saúde em todos, alegria em todos os corações transparecendo nas fisionomias, só tristes por saber que me retirava.

Após a minha ^{saida} retirada da Cachoeira, a Prelazia continuou mandando mensalmente para lá, aos cuidados do Encarregado do Posto Major Amarante, toda a mercadoria de que vinham tendo necessidade e que mandavam pedir. Assim é que, todos os meses, eram despachadas para o Ribeirão, com destino à Cachoeira, sacarias de farinha de mandioca, assucar, sal, caixas de óleos comestíveis, munições para ^{caça} caça, linhas e anzóis para a pesca, sem falar da quantidade de medicamentos que lá era mantida em estóque, por ser o ponto de convergência de todos os índios e até de civilizados das margens do Ribeirão.

- 6 - - Em outubro de 1964 uma epidemia violenta de sarampo assaltou todos os Postos dos Índios Pacaás Novos. O Encarregado de então do Posto Major Amarante, foi muito pouco ativo: só nos avisou quando a doença já tinha feito progressos irreversíveis e ceifado várias vidas. Quando o nosso médico chegou ao local, após uma viagem de um dia e uma noite sem descanso algum, numa canôa apertada e cansativa, quando chegou, pois, já uns vinte índios do grupo ORUMBUN do Amargoso, cuidadas particularmente pelo SPI, haviam sucumbido. O restante estava acamado; uns dez, irrecuperáveis e pouco depois faleceram, não por falta de assistência do médico, como insinua o Snr. Diretor do SPI, mas em consequência dos descuidos do próprio SPI que administra o Posto sem "administração" alguma e sem preocupação ao menos pela vida dos índios. - A dificuldade do transporte para esse local era tanta naquele momento do ano, que nem foi possível ao Padre Médico levar os víveres que tomara consigo. Para resolver momentaneamente o problema, tive que ainda tomar o nosso avião e ir lançar sobre o Posto o abastecimento necessário para aguardar a chegada do que seguira pela E.F.M.M.
- Desde a chegada do Padre Médico, todos os doentes, capazes ainda de reação, fôram logo se recuperando. Em breve todos estavam salvos e não houve mais óbitos, contrariamente à afirmação caluniosa do Snr. Diretor do SPI.
- 7 - - Ao regressar, o Padre Médico, no Amargoso, toma nos seus braços um infeliz menino, de cerca de onze anos, que só tem os ossos cobertos pela pele. Não consegue mais ficar em pé; os dois pulmões a meio consumidos pela tuberculose. O Padre o traz para a sua casa onde se encontra ainda hoje em tratamento, já gordo agora e em vias de completo restabelecimento. - Sem essa intervenção do Padre Dr. Bendoraitis, desde o mês de outubro p.p. esse pobre menino já estaria no seio dessa terra de índios que o SPI defende com tanto ciúme, sem muito se sacrificar pela "vida" dos índios.
- 8 - - Nesse mesmo período, de outubro a dezembro de 1964, o nosso "Centro Médico Social" (da Prelazia de Guajará-Mirim) teve que mandar muito medicamento, sobretudo Streptomycina, aos Postos Tenente Lira e Dr. Tanajura, para atender aos casos numerosos de pneumonia ocasionados pelo sarampo.
- 9 - - No início de novembro o sarampo ataca o Posto do R Rio Negro, dependência do Dr Tanajura. O Encarregado, nada conseguindo do SPI, corre, como sempre, à única entidade que nunca mede sacrifícios, quando se trata de atender e salvar aos infelizes índios, à Prelazia de Guajará-Mirim. - Ainda no Rio Negro, como em outros lugares, a fome agrava de muito a situação. - Em poucas horas o Padre Dr. Bendoraitis e eu aprontamos medicamentos e provisões. No dia seguinte cêdo embarcávamos em canôas a motor do SPI, aos cuidados do próprio Encarregado do Posto Dr. Tanajura, mais de mil quilos de víveres para os índios doentes e melas com mais de duzentos quilos de medicamentos. Pouco depois partíamos, o Padre Dr. Bendoraitis e eu, num barco voador do Serviço de Assistência Social da Prelazia, e, à noite do mesmo dia estávamos já no meio dos índios acamados do Rio Negro. Uns vinte deles, atacados de violenta pneumonia, achavam-se em estado muito grave. Mas graças a Deus e aos cuidados do médico, nenhum morreu, e lá estão hoje todos com saúde satisfatória.
- 10 - - Em dezembro de 1964 violenta "meningite" acomete dois meninos do Posto Dr. Tanajura. O Encarregado os envia numa canôa, para Guajará, mas um falece em caminho. O outro suporta a viagem e é logo recebido na Prelazia (é sempre lá que vão todos bater...). fica internado, sob vigilância médica, durante quinze dias, no nosso "Centro Médico Social", donde sai perfeitamente curado e é levado pelo próprio Médico, Padre Dr. Alexandre Bendoraitis, ao seio da família, no Posto Dr. Tanajura. - Como esse, muitos outros estão sempre sendo curados em nosso "Centro Médico Social".

- 9 -

Seria por demais longo e, por isso, enfadonho, continuarmos essa relação de atos da Prelazia em favor dos nossos índios abandonados só pelo SPI, pois as nossas intervenções são quasi diárias, quer nos Postos, ou quer no nosso "CENTRO MEDICO SOCIAL", onde ficam internados semanas e meses, sem nem o SPI tomar conhecimento da sua existência. - Apenas a título elucidativo, faço questão de apresentar ao Snr. João Emílio Falcão e aos leitores do JORNAL DO BRASIL um resumo das minhas escassas "anotações de despêsas". Léve-se em conta que muitas despêsas não estão relacionadas nestas "notas": Assim: Viagens, presentes, medicamentos entréguas no Centro Médico Social, despêsas com os internados no mesmo Centro, e muitas outras não constam aqui. Mas assim mesmo vejam:

ESPESAS DA PRELAZIA COM INDIOS:

Em 1963 : ---

Alimentos	Cr\$ 2.097.642,00
Roupas, cobertores, rêdes....	" 3.250.780,00
Utensílios de cozinha e côpa	" 123.730,00
Ferramenta para lavoura . . .	" 285.100,00
Caça e pesca	" 83.550,00
Medicamentos	" 3.730.000,00

T O T A L (para 1963) Cr\$ 9.570.802,00

ANO de 1964, para INDIOS : -

Alimentos, roupas e outros forneci	
mentos....	Cr\$ 9262.400
Medicamentos	" 12.530.000

T O T A L Cr\$ 21.792.400

Vinte e um milhões setecentos e noventa e dois mil e quatrocentos cruzeiros, para o ano de 1964.

TOTAL só desses dois anos : Cr\$ 31.363.202,00 (trinta e um milhões trezentos e sessenta e três mil duzentos e dois cruzeiros)

Acrescentem a isso: " seis sacos de farinha de mandiôca mensais, fornecidos pela família MELHEM por intermédio da Prelazia

Diz o Snr. João Emílio que a VERBA TOTAL do SPI para medicamentos em 1964, para atender a todos os índios do Brasil, é de Cr\$ 6.000.000 (seis milhões de cruzeiros)

Pergunto agora :- QUEM se mostrou "Amigo dos índios Pacaas - Novos", o SPI que os abandonou cada vez nas suas necessidades ou a PRELAZIA DE GUAJARÁ - MIRIM, pelos seus Padres, que lhes vem salvando a vida em cada ocasião difícil ?...

Deixo a resposta aos leitores e ao "bon senso" do Snr. João Emílio Falcão.

Nunca mandamos, nem publicamos Relatórios do Bem que fazemos, porque não pertencemos a nenhuma Repartição Pública. Basta para nós, que Deus e os nossos índios saibam do benefício que lhes fazemos. Entretanto o Snr. Diretor do SPI, quando acusa a Prelazia de "ter deixado morrer índios, sem os socorrer", sabe perfeitamente que está dizendo uma "inverdade". - Ele dispõe de meios e tem obrigação de informar-se sobre o comportamento desta Prelazia. Existe a Inspeção Regional. Existem por aqui os Encarregados dos Postos, cujos Relatórios séguem mensalmente para a Inspeção. Está mais do que visto que há nisso muita "má fé", ou então muita "precipitação".

Admito que o Snr. João Emílio, (seguindo fielmente os passos do Snr. Diretor do SPI), seja "anticlerical". Isso é problema particular da Inspeção de cada um, na medida mesma da sua políca .

Não admito porém, e por forma alguma, as calúnias que o mesmo lança contra os Religiosos do Norte, contra a Prelazia de Guajará-Mirim e contra a minha pessoa. O acima exposto patenteia suficientemente aos leitores a maldade dessas acusações.

O Sr. João Emílio (ainda com o Diretor do SPI) chama-me de... "janguista". Essa é a maior !... Não assustem-se qualquer "moléque da rua" sabe lançar "palavrões", quando contrariado. Fui forçado a dizer umas verdades bastante "realistas" ao Sr. Diretor do SPI. Irritado com a minha clareza e realismo, já decidido a recusar tudo quanto eu propunha em favor dos nossos pobres índios, porque não lhes convêm a presença de Padres nos seus Postos, o Sr. Diretor e depois o Sr. / João Emílio lançam esse "palavrão" como qualquer moléque mal educado, incapaz de refletir na hora da raiva. - Eu mesmo ria, de bom gosto, com tais insultos, não fôra a tristeza de ver os nossos infelizes índios confiados a gente de tão pouco juízo.

Abstenho-me de qualquer comentário sobre o confronto apresentado pelo Sr. João Emílio, digo: João Emílio, entre as atividades desta Prelazia e dos Missionários das Novas Tribos. - Respeito e admiro a esses homens e mulheres dedicados e não vou meter o seu nome onde não se faz necessário.

O Sr. João Emílio conclui o seu artigo afirmando (com o Sr. Diretor do SPI); "É o domínio escravagista o que mais lhe convêm" - Ah, ah, ah !!!... essa dá para rir mesmo!

Sr. João Emílio Falcão, já disse mais acima que desde o mês de junho de 1961 estou em contato com os índios Pacaas Novos. - Logo após a pacificação da Tribo, uma terrível epidemia de gripe abateu-se sobre as malocas dos ORODAUN, dos OROHEU e dos OROAT. Quem ficou lá dentro das matas, no meio dos índios, sacrificando a própria vida para os salvar, foi este seu criado, o então Padre Roberto Gomes de Arruda, nestas minhas costas transportei mais de cem índios doentes, num percurso de cinco dias de viagem pelas matas, conseguindo ao cabo de 20 (vinte) dias, com auxílio dos que ainda tinham saúde e de alguns ráros civilizados, colocá-los todos no nosso Barracão Central do Rio Negro, onde dispunhamos de recursos para atendê-los e muito peixe para ajudar na alimentação. Com pouco tempo todos se respedeleceram e, nas minhas mãos, não faleceu um único índio. --- Mais tarde morreram. Porém já foi sob a administração do SPI. E isso por "falta de administração" e não por falta de medicamentos, pois deixei no Barracão do Rio Negro mais de duzentos quilos de antibióticos, antigripais e sulfas de todas as formas e todas as finalidades comuns. O SPI é que não pôde naquele momento dispôr sequer de um homem capacitado para fornecer esse medicamento aos índios e tirar, para eles o alimento de um rio tão farto em grande variedade de peixes.

Depois disso cada vez que me meto no meio desses índios, é para socorrê-los em situações difíceísimas, digo: difíceísimas, para salvar-lhes a vida, porque o SPI tem-se declarado "incapaz" de os atender. Tenho vivido no meio desses índios, correndo, "a pé", para um lado e para outro, com mochila nas costas, cheia de medicamentos e víveres, para atender às inúmeras necessidades de uns e outros; ou então, de machado ou terçado na mão, pegado no "eito", ao lado dos meus amigos índios, para encorajá-los a fazer e plantar a sua "roça" que lhes virá a fornecer dentro em pouco o alimento e o bem estar, sem precisar de "pedir a ninguém". - Enfim, sempre vivi trabalhando e me sacrificando pelos índios e nunca pedindo nada a eles para mim. Fiz-me em todas as ocasiões o "escravo" dos meus índios, para os salvar da morte e para os levar a um maior entusiasmo no trabalho para a melhoria da sua própria vida. E o Sr. João Emílio tem a coragem de dizer ao Público: - "Os preladados, como donos de terras, terão por cima, para o resto da vida, a mão de obra do índio. É o domínio escravagista o que mais lhe convêm" - ???

Sr. João Emílio, um pouco mais de juízo e prudência, quando receber informações do SPI sobre a conduta de Prelados ou de Religiosos...

A VERDADE é outra e muito outra : - Como até hoje, no Município de Guajará-Mirim, o SPI não apresentou caso algum de "administração" séria de um Posto, como os nossos índios vão se reduzindo e aproximando-se do desaparecimento total, esta Prelazia, desejosa, no seu "alto espírito cristão", de salvar o que seja ainda possível desse povo, que merece a vida, como qualquer outro, conservá-lo como "povo" / autêntico, tem feito, e neste ano ainda reiterou, Relatórios realistas sobre a situação atual dos índios e apresentado propostas para um "Convênio" com o SPI, não para "fazer Caridade", como pretendem o Snr. João Emílio e o Snr. Diretor do SPI, (todos já viram que nunca esperamos por SPI para salvar os índios e atendê-los em suas necessidades), mas para que se confiasse a esta Prelazia a "administração" total de um dos Postos situados neste Município e aí faríamos tudo para organizar uma bela Fazenda Agrícola, tendo como verdadeiros "proprietários" os índios (e não funcionários...), e como "administrador esta Prelazia de Guajará-Mirim a serviço dos índios, como sempre vem fazendo .

Tal proposta causou e vem causando escândalo e espanto nas altas Direções do Orgão que procura um disfarce pretendendo "defender terras", e parece, e se revela mesmo, muito mais preocupado pela "cassiterita" do que pela vida dos índios. Agarram-se com "unhas e dentes" às "terras dos índios", pouco se incomodando com a "vida" dos índios das mesmas "terras". - Em breve, para vergonha de todo brasileiro, vamos ter muitas "terras do SPI", mas... "sem índios" !

Recabi uma carta do Snr. Diretor do SPI, verdadeiro "arquivo" de insultos e "documento" de "ignorância" sobre as coisas e os acontecimentos deste Município. - Não lhe dei, nem darei resposta, porque não me rebaixo a "palhaçadas" .

Fique no entanto bem claro isto : A Prelazia de Guajará-Mirim nunca propôs "Convênio" para "fazer Caridade", isso é calúnia gratuita e idiota. Ela propôs, sim, um "Convênio" com o SPI (note-se bem : "Convênio" e não "invasão"), para ela administrar e salvar um povo que nas mãos do SPI, em breve, terá desaparecido por completo.

Recusando a Proposta da Prelazia, o Snr. Diretor afirma-me como "certo" que, a partir do mês de maio do corrente ano, vai ter muito recurso, poderá atender a todas as necessidades dos índios do Brasil e particularmente dos de Guajará, e não precisará da intromissão da Prelazia nos trabalhos do Posto. - Deus seja louvado ! - Mas ainda quero "ver para crer"... Já estamos no fim de junho e só vimos chegar uns "fornos para farinha", para quem não tem mandioca ...

Quanto à Assistência à saúde dos índios, única coisa permitida à Prelazia, fique o Snr. Diretor sabendo que, para isso, já temos, em Guajará-Mirim, o "CENTRO MEDICO SOCIAL" que vem desde os seus inícios, atendendo indistintamente a índios de todos os Postos, fazendo todos os exames clínicos e distribuindo a todos o medicamento de que necessitam, e mais do que isso: mantém internados no próprio CENTRO todo índio que apresente necessidade de um tratamento especial e de certa duração . A Prelazia pois está "cumprindo" o que prometeu: Não pôde organizar o seu trabalho num Posto, organizou-o já aqui na cidade .

E agora é a nossa vez de também lançar o nosso repto : - Agora que o SPI dispõe de grandes recursos (e aí estão para aumentá-los consideravelmente as montanhas de cassiterita das margens do Pacas Novos e Dois Irmãos), que o Snr Diretor do SPI cumpra a sua "promessa", organize e salve os índios do Brasil e particularmente os Pacas Novos. Ele não veste "batina", mas o Brasil inteiro está atento aos seus atos para ver si vai "honrar o seu Posto" e a confiança que nele depositou o Exmo. Presidente da República. - Seria conveniente lembrarmos ao Snr. Diretor que as terras valem mais pelos índios que as ocupam do que pela cassiterita que possuem conter ?

Para não ficarem os fornos do SPI completamente sem uso dei um mandiocão desta Prelazia a um grupo de índios, para o desmancharem em farinha para comerem e, o restante, venderem e assim poderem comprar roupas e alguns objetos para uso seu. - Já sei que isso vai ser chamado de "desvio escravagista". Mas como não dá para fazer mais nada...

- 12 -

Snr Diretor do JORNAL DO BRASIL, muitos fatos poderíamos ainda relatar sobre o assunto, acho porem que já está suficientemente provada a retidão das intenções desta Prelazia, onde, si não há aqueles " religiosos puros ", como diz tão ridiculamente o Snr. João Emílio, também não existe aqui nenhuma "atroz política religiosa", mas todos aqui "honram a batina que vestem", dedicando-se pelo Bem de todos e enfrentando, em favôres dos nossos queridos índios, sacrifícios que o SPI aqui nunca fez e duvidamos muito que se chegue a ser capaz de o fazer .

Gratíssimo, Snr. Diretor, por sua amabilidade. Si precisar de qualquer informação, mande as suas ordens à Prelazia de Guajará-Mirim, - Cx. Postal, 21 - T. F. de RONDONIA -

Votos de toda sorte de felicidades para si, para os seus, e sempre sucessos nos seus trabalhos .

Cordiais saudações do servo em Cristo

Mons. Roberto Gomes de Arruda
PRELADO COADJ. de G. Mirim